



O uso de veneno

Um grave problema por resolver

Em Portugal, remontam ao século XIX as alusões ao uso de venenos e desde essa época que existem relatos de casos de mortalidade intencional de animais, e até mesmo involuntariamente de pessoas. Nas décadas de 50 e 60, as autoridades de Portugal e Espanha incentivaram as famosas e letais “Juntas de Extermínio de Animais Daninhos”. Atualmente, o efeito real do uso de venenos é ainda desconhecido, mas os casos identificados indiciam um elevado e abrangente uso ilegal de tóxicos.

TEXTO: LILIANA BAROSA E PAULO MARQUES

FOTOS: BALDO CARRILLO (FOTO ABERTURA), ROBERTO SÁNCHEZ E LPN/LIFE IMPERIAL

O uso de venenos está muitas vezes associado às atividades cinegéticas e agropecuárias, decorrente do **controlo ilegal de predadores e de cães assilvestrados**. Os alvos incluem lobos, raposas, sacarrabos, aves de rapina e cães e gatos assilvestrados. Os conflitos entre pessoas estão também na origem de inúmeros casos de envenenamento.

Esta prática ilegal está referida como uma importante causa de

extinções ou diminuições acentuadas de algumas populações de animais selvagens em várias partes do mundo, e é uma das principais causas de mortalidade não natural da águia-imperial-ibérica: mais de 120 águias terão morrido envenenadas na Península Ibérica nos últimos 25 anos. De facto, esta espécie é frequentemente vítima deste flagelo e recentemente, entre 2013-2018, foram confirmados 4 exemplares vítimas de envenenamento.

O USO DE VENENO É ILEGAL

Em Portugal, o uso de veneno foi proibido no final do século XX, com a Lei do Lobo e a transposição das normativas internacionais. Ao abrigo das diretivas Aves e Habitat e da Convenção de Berna, bem como da Lei de Bases Gerais da Caça e do Código Penal em Portugal, não é permitido o uso de qualquer substância tóxica em forma de extermínio, constituindo, na medida mais gravosa, um crime punível com pena de prisão até 3 anos.

O VENENO É UM PERIGO!

Associando a facilidade de aquisição do veneno e da sua aplicação, com o número de indivíduos que pode eliminar e a sua não seletividade, o uso de venenos tem consequências imprevisíveis e incontroláveis, sendo uma das maiores ameaças atuais à conservação de algumas espécies selvagens. Em Portugal estão registadas cerca de 40 espécies selvagens afetadas pelo veneno, incluindo 5 espécies muito ameaçadas. É sobretudo uma das maiores ameaças às espécies que se alimentam de cadáveres (espécies necrófagas), como o grifo, o abutre-negro ou o britango, ou outras que o façam ocasionalmente como é o caso da águia-imperial, bem como de outras espécies ameaçadas como o lobo-ibérico e o linco-ibérico.

Estas espécies são suscetíveis a envenenamento primário quando ingerem diretamente os iscos envenenados, mas também secundário quando se alimentam de cadáveres de animais envenenados. Uma vez que as substâncias tóxicas entram nas cadeias alimentares, podem tomar proporções incontroláveis e mesmo chegar ao Homem.

ÁGUIAS-IMPERIAIS ENVENENADAS!

Ano	Nº de exemplares encontrados mortos	Local	Substância identificada causadora da morte
2013	3	ZPE Castro Verde em Zona de Caça	Aldicarb (substância ilegal) confirmado em 1 dos exemplares
2015	1	ZPE Mourão/Moura/Barrancos em Zona de Caça	Aldicarb
2017	2	ZPE do Vale do Guadiana em Zona de Caça	Aldicarb

Foto: Roberto Sánchez.



Foto: Baldo Carrillo

Para além das espécies selvagens, esta prática ilegal afeta animais domésticos (incluindo cães de caça), podendo mesmo afetar acidentalmente seres humanos, e constitui um grave problema de saúde pública ao nível da contaminação dos solos, da água e mesmo de culturas alimentares, já que alguns tóxicos podem permanecer no meio ambiente durante longos períodos em doses suficientemente altas para serem perigosas.

O LIFE IMPERIAL E A LUTA CONTRA O USO DE VENENO

O Projeto LIFE Imperial (LIFE13 NAT/PT/001300) e os parceiros que o integram estão empenhados na luta contra o uso de veneno através da implementação de um programa que inclui formação, sensibilização de atores chave, fiscalização e ação judicial.

No âmbito deste projeto, foram criadas 7 equipas cinotécnicas da GNR vocacionadas para a deteção de venenos no campo, de modo a detetar iscos e casos de potencial envenenamento ou, em caso de envenenamento comprovado, auxiliar à deteção de iscos ou cadáveres adicionais. Estas equipas, a atuar no terreno desde novembro de 2015, realizaram

desde essa data até maio de 2018 um total de 850 patrulhas preventivas e reativas, tendo detetado 26 ocorrências, que incluem a deteção de iscos, cadáveres e armadilhas.

Neste contexto é ainda fundamental a formação e articulação dos vários intervenientes no processo jurídico, desde os militares da GNR aos juizes que definem a pena a ser cumprida, e o acompanhamento e auxílio dos processos judiciais que sejam instaurados, para melhorar a aplicação da Lei face a este ilícito.

O LIFE Imperial apresenta ainda uma forte componente de educação e sensibilização ambiental de modo a difundir os perigos desta ameaça, apostando assim na prevenção através do esclarecimento. São disto exemplo, entre outras, as ações realizadas pelo LIFE Imperial com a Associação de Agricultores do Campo Branco e durante a IX Feira da Caça de Mértola. Neste âmbito, os resultados têm evidenciado, por um lado, o desconhecimento geral na sociedade sobre a gravidade deste problema

mas, por outro lado, e após ações de informação e sensibilização, uma abrangente condenação desta prática pela mesma, incluindo caçadores, gestores cinegéticos e criadores de gado.

A NECESSIDADE DE ALARGAR A PARCERIA DA AÇÃO CONTRA O USO DE VENENO

Atualmente torna-se evidente a necessidade de congregar esforços de alargar a parceria na ação contra o uso ilegal de veneno, no sentido de envolver parceiros que estejam sensíveis a este grave problema. Estes parceiros, como as organizações do setor da caça e do setor pecuário, poderão ter um papel chave na sensibilização de públicos específicos e no encontrar de soluções que permitam a prevenção do uso de veneno. Especificamente, as organizações do setor da caça, dado o seu contacto direto com caçadores e gestores de caça, e a sua capacidade de atuar no território, poderão contribuir significativamente para encontrar uma solução para este problema. ■



O QUE FAZER FACE A UM CASO DE ENVENENAMENTO

O envenenamento apresenta, normalmente, um caráter agudo e traduz-se num conjunto de sintomas que refletem uma forte agonia e dor. Dependendo do tóxico responsável e da espécie, o animal pode demonstrar convulsões e espasmos musculares, vômito e diarreia, apatia, salivação excessiva, hemorragias e/ou dificuldades respiratórias. Se se encontrar na presença de um animal envenenado, ou supostamente envenenado, contacte imediatamente o

SEPNA/GNR através das equipas locais ou da linha SOS Ambiente (808200520) e siga as instruções dadas pelas autoridades. É extremamente importante informar sobre a existência de animais vivos e permanecer no local até à chegada das autoridades. Não deve tocar nos cadáveres ou iscos nem deixar que outras pessoas se aproximem do local, o risco de morte é real! Linha SOS Ambiente - 808 200 520